

CONTOS E POEMAS

VOL. VII

ASSOMBROSOS



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-64417-3
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

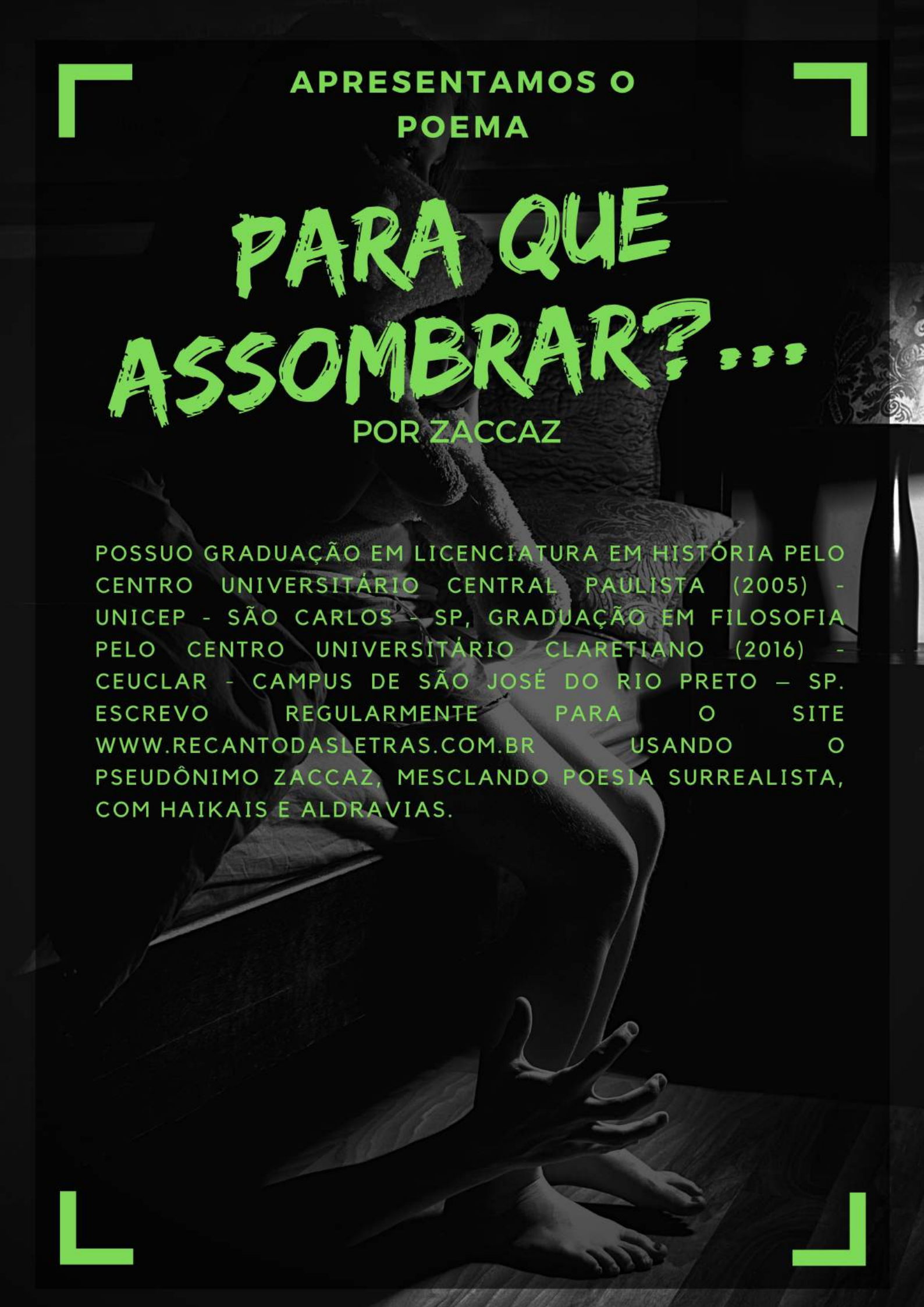
CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

Para que assombrar?..., por Zaccaz, pág. 05
O demônio sorridente, por AF, pág. 10
O lobo e o homem, por Márcio Aragão, pág. 15
Dimensões tenebrosas, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 19
Não feche os olhos!, por Roberto Schima, pág. 21
Estradas secundárias, por Sarah Rosas Ferreira, pág. 26
Estranhos tempos, por Sellma Luanny, pág. 33
Perigo!, por Sellma Luanny, pág. 35
Pesadelo, por Sellma Luanny, pág. 37
Se puder, não leia, por Valério Maronni, pág. 39
Conheça outros títulos da coleção, pág. 42

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

**CONTOS E POEMAS
ASSOMBROSOS
VOL. VII**





APRESENTAMOS O
POEMA

PARA QUE ASSOMBRAR?...

POR ZACCAZ

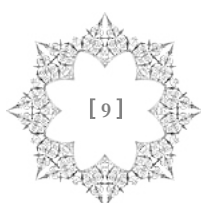
POSSUO GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO CENTRAL PAULISTA (2005) - UNICEP - SÃO CARLOS - SP, GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO CLARETIANO (2016) - CEUCLAR - CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP. ESCREVO REGULARMENTE PARA O SITE WWW.RECANTODASLETRAS.COM.BR USANDO O PSEUDÔNIMO ZACCAZ, MESCLANDO POESIA SURREALISTA, COM HAIKAIS E ALDRAVIAS.

O balançar de suas, por entre as janelas...
Por entre a velha casa abandonada na esquina...
O ser perdido por entre as muralhas do tempo...
Ainda causa medo...
Tenta de alguma forma assombrar...
Fazer escorrer suores frios...
Que venham a cantar algum clamor..
Passando por mentes descrentes...
Que possam, conter algum tipo de amor...
Mas que escolheram o temor...
Como um doce tremor...
Que faz esmorecer...
Qualquer tipo de bem querer...
O ser olha para o céu...
E se pergunta se realmente...
Possa existir algum Deus?...
O mesmo Deus que nas escrituras...
Se, diz benevolente...
Mas faz seus filhos amados sofrerem...
Gritarem por algum tipo de suplício...
Que venha assim interrogar...
Um sentido...
De jorrar indelicadezas sepulcrais...
Por entre desejos demoníacos...
Misturando um sadismo...
Com gosto de vingança...
O ser fantasmagórico...
Tem receio em se olhar...
Seu horror...
Gera um tipo torpor...
Necessitando de amor...
Reza uma oração profana...

Mas ninguém o ouve...
Porém...
Sua presença está constante...
Gera dor...
Mas no fundo, também procura amor...
Para que assombrar?...
Quando o que sente...
É uma vontade enorme de chorar...
Suspende o seu satirizar...
Em tudo o que supostamente Deus fez...
Disfarçando seu próprio sentido de solidão...
Também detém uma paixão enorme pela humanidade...
Toca os piores sinos de agudezas infernais...
Mas nas profundezas do fogo eterno...
Deseja sair...
Para almejar...
Descumprir as profecias...
Quer muito regalias...
Algum assombro...
As trevas...
Também querem luz...
Para contemplar sua forma horrível...
Ressuscitando os piores temores...
Certamente o diabo...
Às vezes...
Nem sabe o que é ser odiado...
Por uma humanidade que se prostra...
Diante de Deus...
Mas que faz ações...
Que assombram o próprio senhor das trevas...
Durante seu sono...
Os humanos desejam a benção...
Mas louvam em seus íntimos cruéis...

Os poderios da chama eterna...
Para que assombrar?...
O que já não se assusta mais facilmente...
Pois é...
O canho está perdendo seu poder...
Em querer deter toda a maldade...
Somente para si...
Por entre epidemias, pestes e doenças...
Ele próprio faz sua enfermidade...
Tendo, que tentar...
Uma humanidade...
Repleta de efemeridades...
Sua subjetividade...
Estranhamente gosta de falácias...
Mas quando se encontra diante a verdade...
Tange mentiras, como de um absolutismo...
Existencial e moral...
Ao qual o tempo...
É seu principal inimigo...
O Demônio quer voltar assombrar...
Degustar da incredulidade...
Fazer terrores noturnos virarem os mais terríveis...
Pesadelos...
Construir loucuras de um amor perdido...
Por entre rochas de uma destruição...
Que venha acompanhar apocalipses...
Da descrença em Deus...
Olhando para um abismo de pecados...
Que acompanhem todos os mortais...
Para percursos infernais...
O Diabo não é um Demônio...
É um ozônio hipócrita...
Que cobre a maioria das mentes...

Fazendo seus pesadelos...
Conterem diacronias...
Para fazer das suas alegrias...
Uma noite eterna de medos...
Perante todos os sonhos...
O Diabo ama á Deus...
Pois é fidelíssimo aos seus preceitos...
De desafiar seu criador...
Uma incomensurável indelicadeza...
Mas que se constitui indelével...
Em uma festa de algozes...
Cheia de flores defumadas...
Insanas...
Mas com alegrias profanas...
O assombro precisa de novos incentivos...
Enquanto o mundo...
Ainda vive...
De velhos atrativos...
Para namorar...
Um eterno assombrar...



APRESENTAMOS O
CONTO

O DEMÔNIO SORRIDENTE

POR AF

AF, NASCEU EM 22 DE AGOSTO DE 1988 EM FORTALEZA-CE. TEM FORMAÇÃO EM FILOSOFIA COM ESTUDOS EM TEOLOGIA E ARTES. MINISTRA AULAS NA REDE ESTADUAL DO CEARÁ DESDE 2012 NAS ÁREAS DE FILOSOFIA, ÉTICA E CULTURA. ALIMENTA O BLOG UM FILÓSOFO NA WEB PERIODICAMENTE COM OS MAIS DIVERSOS ASSUNTOS, SENDO FILOSOFIA, LITERATURA E ARTES SEUS ASSUNTOS DE MAIOR PAIXÃO.

Muitos anos atrás, em uma cidade interiorana. Vivia um menino trabalhador chamado Kastel, que se levantava cedo todas as manhãs. Cuidava do horto e dos animais em sua pequena e rica roça. Todos na aldeia exibiram respeito e reverência aos idosos, crianças e meninas. Kastel morava sozinho e, ao contrário de outras crianças de sua idade, tinha poucos luxos. Uma bela noite, após uma festa para celebrar a abundante colheita da cidade-estado Kastel estava voltando para casa tarde da noite, sem perceber que uma sombra muito estranha o perseguia.

Durante a noite, Kastel acordou perturbado com algo, sua própria casa causando-lhe mal-estar. Então, mirando para o teto, Kastel se assustou com uma imagem borrada emergindo. Havia um demônio o visitando, ele se passaria por um homem normal de meia idade se não estivesse pairando sobre a cama e não tivesse horríveis olhos amarelos, mas o mais assustador era seu sorriso. Sua boca vai de orelha a orelha mostrando seus dentes brancos. — Quem é você, o que quer? — perguntou Kastel amedrontado apontado a arma que pegou debaixo da cama.

— Meu nome não é importante — respondeu o demônio tranquilamente com um brilho nos olhos. — Eu vim para propor um *jogo*.

— Um jogo, que tipo de jogo?

O demônio fez um leve movimento com o braço apontando para a mesinha ao lado da cama. E magicamente 10 garrafas apareceram sobre a mesa. Kastel ficou admirado e com mais medo.

— Essas garrafas estão cheias de venenos, apenas uma dela contém mel. Se você ousar beber, e acertar qual delas tem mel vou lhe dar muito ouro.

Kastel ficou tentado só em considerar o que poderia realizar se acertasse a garrafa que continha mel. Olhou para elas com calma, tentou sentir algum odor mais foi inútil, todas as garrafas eram escuras impedindo-o de testemunhar seu conteúdo e as rolhas prendiam qualquer odor.

Kastel mais que por impulso apanhou uma garrafa, tirou a rolha e fechando os olhos com receio, levou a garrafa à boca.

— ACERTEI! É MEL!!! — exclamou Kastel.

O demônio riu satisfeito, estendendo a mão para o rapaz com a palma virada para cima, fez surgir uma brilhosa pedra de ouro puro.

— És o seu prêmio meu jovem, pode pegar.

Kastel apanhou a pepita e sorria maravilhado com seu troféu.

— Sempre que quiser jogar eu vou aparecer — disse o demônio rindo delirante e sumindo no ar.

Kastel ria abertamente de alegria, pulava de emoção, olhava para a peça de ouro em sua mão. Estava tão dominado com o quão poderia perfazer que não dormiu. Quando o Sol levantou, Kastel jogou fora suas ferramentas e em seguida se desfez de seus animais.

— Não tenho mais que sujar minhas mãos nem limpar sujeira de bichos, chega de carregar adubo — dizia ele animado.

Kastel foi para a capital, lá comprou uma casa maior, roupas da moda, aparelhos que antes não tinha e coisas que não precisava. Cercou-se de belas mulheres e pessoas ricas.

Depois de um bom tempo, Kastel não tinha mais tanto dinheiro, restava-lhes apenas uma quantia suficiente para uma passagem de volta a sua terra. Mas antes do final do dia, foi visitado pelo demônio novamente. O mesmo jogo, os mesmos riscos. Kastel agora estava mais inseguro, porém sabia que se tivesse a sorte que teve da última vez ficaria tudo bem. Kastel olhava atentamente para as garrafas, a pressão em sua cabeça o deixava nervoso. Com a mão tremula, segurou uma garrafa que estava mais distante.

— Vamos lá, beba meu rapaz! — instigou-lhe o demônio com os olhos reluzentes.

O silêncio sepulcral tomava conta da atmosfera.

— CONSEGUI...

O demônio bateu algumas palminhas para Kastel, entregou mais uma pedra de ouro e sumiu feito fumaça. Kastel achou essa pedra ligeiramente maior que a outra e a sentiu um pouco mais pesada. E no dia seguinte Kastel estava se esbaldando pela cidade. Fez uma grande festa para comemorar por ter acertado mais uma vez, convidou toda a alta sociedade. E em meio aos seus convidados, um velho de cartola bebia conhaque com várias mulheres, ele olhava para Kastel com um sorriso sinistro. O rapaz cercado de tantas pessoas nem percebeu seu atencioso observador.

Menos tempo demorou os prazeres de Kastel dessa vez, seu novo círculo de amigos era de esnobes que costumavam fazer de três a nove festas por semana, e embora ele estivesse se divertindo e se esbaldando todas as noites não se dava conta de quanto e nem o porquê gastava.

Algun tempo depois já sentia a escassez de dinheiro, suas reservas mal dariam para o próximo mês. Mas ele não estava mais preocupado, sabia que o demônio iria aparecer para jogar mais uma vez. E foi o que aconteceu, no final da noite seguinte, durante a madrugada o visitante diabólico apareceu.

— Ora, ora meu amigo. Você pegou gosto pelo meu jogo não é mesmo? — disse ele maliciosamente.

— Vou ganhar mais uma pedra sua — disse o rapaz confiante.

— Escolha com cuidado meu caro! — disse o demônio.

Kastel dessa vez demorou mais tempo para escolher, sentiu a mão trêmula e fraca, sua mão parecia evitar remover a rolha. Com um puxão a removeu e virou a garrafa.

AH, HAAA.... EU SEMPRE VOU VENCER ESSE JOGO! — gritou Kastel de alegria com mel escorrendo pelos cantos da boca.

O demônio entregou rindo uma nova pedra de ouro. Kastel dessa vez usou as duas mãos para segurar seu prêmio, a pedra estava mais pesada dessa vez, disso tinha certeza. O demônio não se conteve e continuava rindo com seus olhos amarelos sobre Kastel.

— Por que você está rindo? Eu estou levando todo seu ouro! — perguntou Kastel incomodado com o comportamento do demônio.

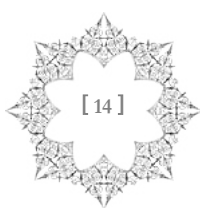
— HAHAAHAHA... Eu enganei você, tolo — disse o demônio como uma sombra que escorregava pelas paredes da casa. — NUNCA houve nenhum veneno naquelas garrafas, todas continham mel. HAHAAHAHA...

— Então queria que eu ganhasse? Por que iria querer isso?! — perguntou Kastel confuso.

— Veja você mesmo... — a sombra demoníaca desceu do teto por uma coluna até o chão e erguendo-se se transformou em um grande espelho. Kastel fixou a vista para ver o que estava dentro do espelho em sua frente: o reflexo de um homem velho, beirando os noventa anos. — Enquanto você curtia todas os prazeres e luxurias o tempo passava e nunca se deu conta disso, meu velho. Hahahaa... Fique com todo meu ouro, eu não preciso dele mesmo — disse o demônio fazendo o espelho desaparecer e assumindo a forma da primeira visita. — Aqui, pegue mais um?! — e fazendo uma reverência oferecia mais uma pedra de ouro puro. — Hahaha

Kastel entrou em choque, as risadas do demônio o estavam deixando maluco, a pedra de ouro nas suas mãos refletia seu rosto envelhecido, cheio de rugas, calvo e com os olhos caídos e cansados. Uma lágrima se aventurou pela sua face castigada pelos anos e com ela Kastel também foi ao chão. Ainda consciente e em meio a espasmos, raciocinou, que não era a pedra de ouro que ficava mais pesada, mas seus braços que perdiam as forças.

Na sala jazia o corpo velho de um homem que esfriava com as primeiras horas luminosas do dia.





APRESENTAMOS O
POEMA

O LOBO E O HOMEM

POR MÁRCIO ARAGÃO

MÁRCIO ARAGÃO É SERGIPANO, NASCIDO NA CIDADE DE ARACAJU. GRADUADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, ATUALMENTE É ACADÊMICO DO CURSO DE JORNALISMO. DURANTE TODA A SUA VIDA SE INTERESSOU POR SERES FANTÁSTICOS, TENDO CRIADO VÁRIAS PERSONAGENS E NARRATIVAS AMBIENTADAS EM DIVERSOS TIPOS DE MUNDOS, INDO DO REAL AO FANTASIOSO. PARTICIPOU DAS ANTOLOGIAS "ANNO DOMINI – MANUSCRITOS MEDIEVAIS" (2008), "SOLARIUM" (2009) E "O UIVO DO LOBO"(2023), TENDO TAMBÉM PUBLICADO OS LIVROS "O ÚLTIMO IMORTAL" (2005) E "GUARDIÕES DO UNIVERSO" (2009).

Lá estava eu perdido
Pensando cá comigo
“Poxa, isto não faz sentido!”
Ele era, pois, meu amigo.

Enclausurado estava eu
Imerso naquele breu
Exaurido de vã esperança
Que colossal matança!

Garras, dentes, sangue
Morte, fúria, transe
Metamorfose, instinto, incoerência
Que letal ser era aquele?
De tão bizarra aparência?

Era o Homem e o Lobo!
Ou seria o Lobo e o Homem?
Quem estava ali no comando?
Quem estava seus passos guiando?

O tempo esvaía-se, eu sabia
E em minha mente, somente agonia
Afinal, o que faria?
“Nada podes fazer”, alguém dizia.

Aturdido, busquei a procedência
Daquela elocução sem clemência
E com olhada aclimatada à treva
Fixei o autor da sentença

O matusalênico homem me fitava

E um sorriso anodonte exibia
Com uma expressão que de mim ria
Pois sabia o que de mim seria.

“Muitos aqui desbravaram”, revelou
“Porém qualquer sequer escapou”, sentenciou
E aqui meu peito explodia
Era minha ultimação, eu sabia.

O desumano acercou-me, então
Arrebatando a minha jaula de supetão
E meus olhos cerrei
“Piedade!”, supliquei!

Frívolo fora meu clamor!
Pois ao som das gargalhadas dementes
De um idoso que tinha seu fim em mente
Meu amigo-lobo cravou-me os dentes!

O sopro vital de mim esvaiu
E minha consciência no Vazio caiu
Dimensões percorri
Onde tempo e espaço não mais senti.

Agora no *Quase Além* estou
Pois esta é a sina do *Morto pelo Lobo*
Através das Eras horrorizar os vivos eu devo
Pois a isto condenado sou.

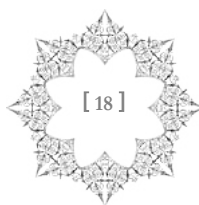
Almas devo explorar
Desespero devo causar
Escravo do Charlatão me tornei
Pois a ele devo alimentar!

A ti relato minha epopéia inversa
Para que saibas que não sou alma perversa
Contudo teu desespero devo levar
E tua alma macular!

Logo a Luz a ti deixará
E teu pavor iniciará
Mas uma coisa a ti prometo
Esta dor perfará!

Acompanhe-me, ó condenado!
Alimente o Enganador!
Para que enfim possas sentir
Que tudo está sem Luz
Que tudo está acabado!

FIM?



APRESENTAMOS O
POEMA

DIMENSÕES TENEBRASAS

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

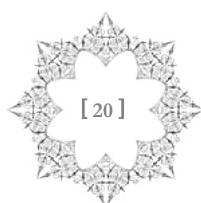
MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: MESTRE EM SEMIÓTICA, TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO – UBC – MOGI DAS CRUZES – SP. ESPECIALISTA EM LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS – UNITAU – TAUBATÉ – SP. MEMBRO DA REBRA – REDE DE ESCRITORAS BRASILEIRAS E DA A.C.I.M.A – MANDALA – ITÁLIA. MEMBRO EFETIVO E CORRESPONDENTE DE DIVERSAS ACADEMIAS E INSTITUIÇÕES. POSSUI LIVROS E PARTICIPAÇÕES EM ANTOLOGIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS, ASSIM COMO POEMAS MUSICADOS EM PROJETOS DE INTERCÂMBIO CULTURAL. SEUS LIVROS INFANTIS E DE POESIA CIRCULAM POR SALÕES INTERNACIONAIS DE LIVROS. É COLUNISTA E PARTICIPA, COM FREQUÊNCIA, DE PUBLICAÇÕES COLETIVAS (E-BOOKS), EM REVISTAS ELETRÔNICAS DE LITERATURA. FOTÓGRAFA AMADORA, ESTUDA, ATUALMENTE, FOTOGRAFIA E HISTÓRIA DA ARTE.

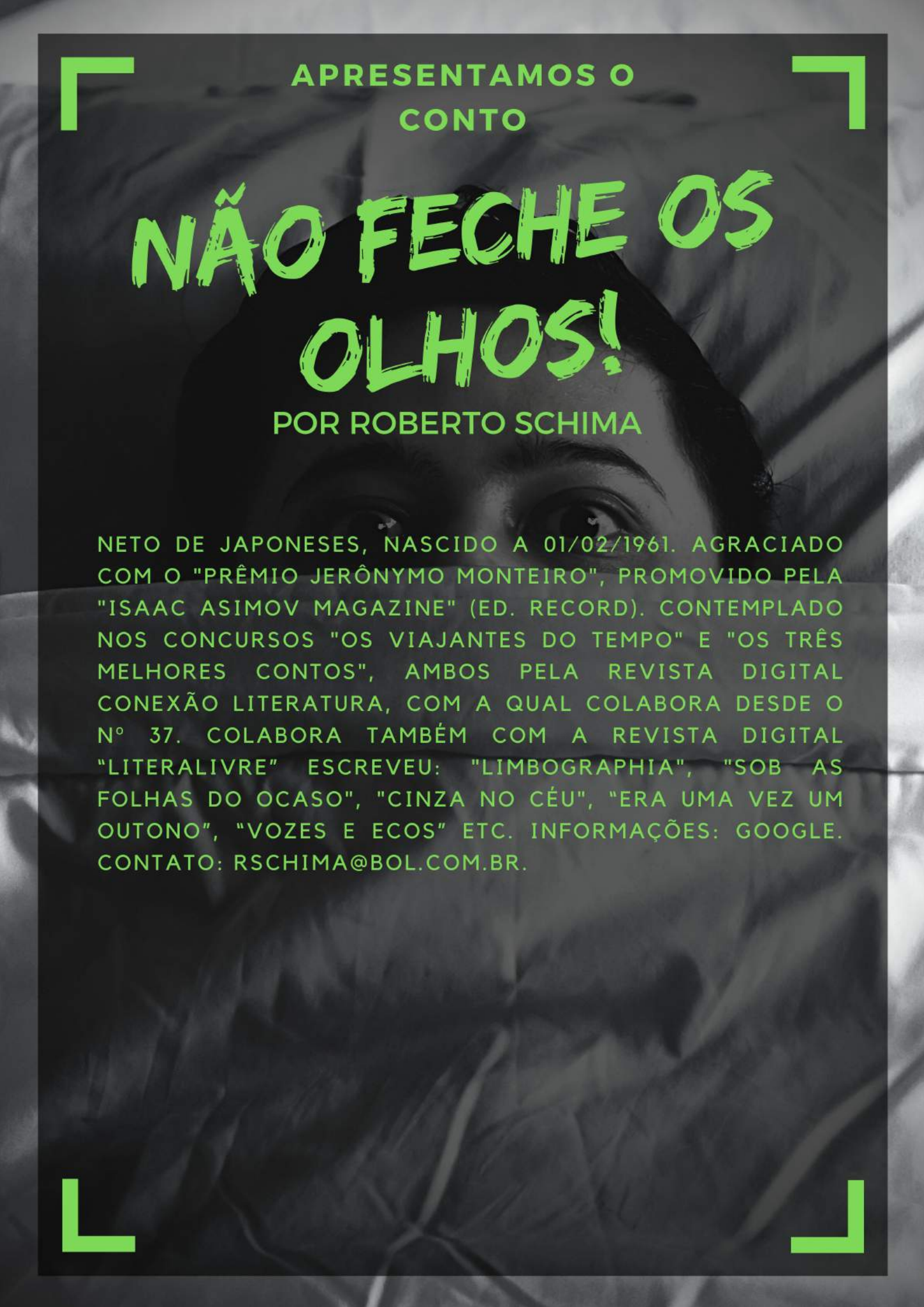
Traz-me imensos calafrios a loucura,
assim como me assusta a realidade
empedrada; despida de ternura;
enquadrada, moldada sem piedade.

Extensos e tristes dias de secura...
As horas avançam, com ansiedade.
Noites agitadas e de amargura!
Imagens bizarras: monstruosidades.

O corvo de Allan Poe já faz morada,
nos ninhos surreais da mente turva,
onde portas estão escancaradas...

para as tormentas diárias e noturnas.
São sempre dimensões entrelaçadas;
confusas realidades taciturnas.





APRESENTAMOS O
CONTO

NÃO FECHÉ OS OLHOS!

POR ROBERTO SCHIMA

NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O "PRÊMIO JERÔNIMO MONTEIRO", PROMOVIDO PELA "ISAAC ASIMOV MAGAZINE" (ED. RECORD). CONTEMPLADO NOS CONCURSOS "OS VIAJANTES DO TEMPO" E "OS TRÊS MELHORES CONTOS", AMBOS PELA REVISTA DIGITAL CONEXÃO LITERATURA, COM A QUAL COLABORA DESDE O Nº 37. COLABORA TAMBÉM COM A REVISTA DIGITAL "LITERALIVRE" ESCREVEU: "LIMBOGRAPHIA", "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU", "ERA UMA VEZ UM OUTONO", "VOZES E ECOS" ETC. INFORMAÇÕES: GOOGLE. CONTATO: RSCHIMA@BOL.COM.BR.

Meu nome é Deivson; e do meu irmão, Elisson. A diferença de idade entre nós é de apenas um ano. Na época do ocorrido, eu contava doze anos; ele, onze.

Não sei por que aconteceu, mas me recordo das circunstâncias. Luto para entender o motivo e pergunto-me se há de fato alguma resposta, quanto mais solução. Só recebo o silêncio de um quarto escuro. O medo me cerca e me domina. Trata-se de uma lembrança envolta em correria, ansiedade, risos esbaforidos, baque, poeira, temor, escuridão e dor.

Brincava eu de correr atrás de Elisson. Ao contrário de outros irmãos que brigavam com frequência, nutriam ciúmes um pelo outro ou mantinham rivalidade, eu e meu irmão caçula éramos os melhores amigos. Contávamos histórias um para o outro, brincávamos, eu o ajudava na lição de escola, fazíamos as mesmas coleções — pedras, conchas, tampinhas de garrafa —, tínhamos gostos idênticos para leitura e desenhos na TV.

No dia em questão, corríamos pelo quintal o qual, ao contrário das casas de hoje em dia, era espaçoso, de terra e tinha até um pé de manga. Tudo era festa, ríamos e meu irmão gritava desafios, dizendo que eu não o alcançaria, que eu era uma tartaruga manca.

Foi quando acelerei e ele, percebendo, aumentou sua velocidade também. Só que, distraído, olhando na minha direção, não se deu conta da árvore, tropeçou numa raiz exposta e bateu a cabeça com força contra o tronco. Caiu e desmaiou. Assustado, corri para casa e chamei por nossa mãe. Ela resmungou impropérios e fomos ao médico. Elisson só retornou a si no hospital.

Tiraram uma chapa de raio-X. Felizmente, não sofrera fratura. Exceto pelo galo enorme do alto da cabeça, nada mais foi encontrado de anormal.

— Está tudo bem — disse o médico. — Deixa o galo cantar!

Levamos mil broncas da mãe por toda preocupação e um montão de advertências.

Mas eu sabia que não estava nada bem. Percebi imediatamente após uma troca de olhares com meu irmão. Ele ficou diferente. Antes, era um garoto tagarela, alegre e cheio de energia. Adorava correr, trepar na árvore, empinar pipas, caçar borboletas. Depois do incidente, tornou-se introspectivo, calado, não queria brincar mais, passava a maior parte do tempo livre enfurnado no quarto que compartilhávamos.

Eu o provocava para sair de lá, porém, ele só respondia através de monossílabos e continuava na cama a fitar a parede.

— Melhor desse jeito, Deivson — falou minha mãe na sua prática sabedoria —, assim, ele não se meterá em encrenca... E nem você!

Ela não compreendeu e nem enxergou a mudança do modo como eu a via. Talvez por não ficar tanto tempo ao lado de Elisson quando eu, ou por não se importar.

Certa noite, acordei com ele murmurando qualquer coisa do outro lado do quarto. Voz rouca, esquisita. Falei:

— Ei, Elisson, o que é que foi? Tá sonhando?

Demorou a responder. Por fim, disse:

— Eu num quero, pô!

— Não quer o que, Tampinha?

— Num quero fazê aquilo que ele manda.

Senti um calafrio tomar conta de todo meu corpo.

— "Ele" quem?

Não houve resposta.

Podia ouvi-lo se remexer na cama. Levei bastante tempo até tornar a adormecer, enquanto tentava enxergar o teto através da escuridão.

O quarto se tornara opressivo e ameaçador feito sonho ruim sem o despertar.

Outra noite, consegui entender o que ele balbuciava:

— Não... Não farei isso... Não... Vai machucá-lo!

Não suportei e acendi o abajur. O que vi converteu meu sangue em gelo.

Elisson estava de pé sobre a cama, braços estendidos para a frente, punhos fechados como se lutasse com outra pessoa. Sua explicação não melhorou em nada o fio de medo que se infiltrara em mim e se alojara no cérebro feito um novelo de vermes.

— Ele tá mandando eu batê em você com o martelo.

Exibiu o instrumento que apanhara às escondidas de uma caixa de madeira de papai. Era pesado para uma criança de onze anos.

— Eu num quero! — acrescentou ele, choroso. — Num quero!

Não me acalmou em nada, pois, se não desejava fazer tal coisa, porque trouxera a ferramenta? Só sosseguei depois de tomar o martelo de suas mãos e guardá-lo debaixo do meu travesseiro.

Todavia, a questão principal continuou em pé.

— "Ele"? Quem é "ele", Tampinha?

Da melhor maneira que Elisson pôde se expressar e eu entender, contou que, ao chocar a cabeça no tronco da árvore, fora como se batesse na porta de uma casa. Só que, em vez dele entrar, algo ou alguém saía de seu interior. Era uma presença ruim que o instruíra a cometer atos perversos.

Falei para a minha mãe, atarantada em seus deveres domésticos, que falou para meu pai, atarantado em assuntos de trabalho e contas a pagar. Apesar dos apuros de cada um, levaram Elisson a um psiquiatra.

Lá, ele relatou algo que não dissera para mim — nós, que sempre compartilháramos tudo —, ou seja, que quando se mirava no espelho, não via mais seu reflexo. Descreveu um rosto muito magro, pálido, de olhos fundos, dentes enormes e pontiagudos. Trajava trapos imundos. As mãos possuíam garras enormes e afiadas. Tampouco Elisson enxergava o banheiro no reflexo: via só escuridão, cuja impressão era a de ondular em diferentes direções.

O psicólogo fez um relatório no qual dizia tratar-se somente de uma fase a qual passaria com o tempo. Receitou um tipo de tranquilizante e chamou o paciente seguinte.

Meus pais suspiraram de alívio, reclamaram da conta apresentada pela secretária do psiquiatra, do preço do remédio na farmácia e seguiram a rotina de sempre.

A essa altura, eu não queria mais dormir no mesmo quarto que meu irmão, cujo matraquear durante a noite tornara-se uma constante. Uma voz diferente que a sua passara a se manifestar sem me dar coragem de acender o abajur outra vez.

— Mate-os! — dizia a coisa.

— Nãããooo... — respondia Elisson com sua própria voz.

Passei a deitar na sala de luz acesa, esticando linhas de pesca com latas amarradas a formar uma espécie de alarme, caso fossem tocadas. O martelo se tornara o meu companheiro fiel, aquilo que, um dia, Elisson fora para mim e eu para ele. Mas esse tempo se perdera no passado. Eu lamentava por isso e temia pelo Elisson atual.

Meus pais só levaram mais a sério na noite em meu irmão caçula — ou aquilo que se apossara dele — fincou uma tesoura na perna de minha mãe.

Internaram-no numa instituição para perturbados mentais.

Recordo-me do olhar desamparado dele para mim. O Tampinha de antigamente implorou por ajuda, para que eu não o abandonasse. Porém, eu estava impotente e, para ser sincero, aliviado por vê-lo longe de casa. No último instante, as feições dele se

transformaram, tornaram-se malévolas, uma máscara de pavor. Eu quase pude vislumbrar a criatura que o atormentava. E ela berrou:

— Vai se arrepender. Sairei daqui e irei pegá-lo! Vou comer seu coração!
Não tive a menor sombra de dúvida quanto a sinceridade daquela ameaça.
Suas mãos pequeninas voltaram-se para mim feito um par de garras.

Os anos passaram. Atingi a maioridade. Sai da casa de meus pais e fui morar em uma república perto da faculdade.

Foi quando eu soube através de um telefonema de minha mãe na semana passada:

— Ele fugiu, Deivson!

— Quem? — perguntei, mas a resposta surgiu de imediato. — Elisson!

Desde então, tento dormir todas as noites, contudo, a insônia não deixa. Procuro continuar na cama e não fazer barulho a fim de não acordar os outros estudantes. É difícil. Minha vontade é de gritar. Tento tranquilizar a mente e reencontrar a paz, mas não existe paz. Por vezes, fico com a impressão de ouvir passos ou um murmúrio. Os olhos se abrem, arregalam-se. Em vão, tento distinguir detalhes no teto às escuras. Ordeno a mim próprio:

— Não feche os olhos!

Em resposta, enquanto espero, uma voz chega do fundo do poço num timbre demoníaco:

— Vou comer seu coração!

Então, busco pelo martelo novinho em folha sob o travesseiro.

NOTA DO AUTOR:

Publicado originalmente na antologia "Bestial — Seres Sobrenaturais" (Editora Carnage, 2022), organizada por James Gallagher Junior.



APRESENTAMOS O
CONTO

ESTRADAS SECUNDÁRIAS

POR SARAH ROSAS FERREIRA

SARAH ROSAS FERREIRA NASCEU EM CURITIBA EM 1986. ATUALMENTE ESTÁ CURSANDO O ÚLTIMO ANO DA FACULDADE DE LETRAS EM INGLÊS. É PROFESSORA E ESCRITORA. DESDE PEQUENA ADORA FILMES DE TERROR, TEM COMO A SUA MAIOR INFLUÊNCIA STEPHEN KING E EDGAR ALLAN POE. A INFLUÊNCIA DO TERROR, ASSIM COMO DO COTIDIANO, ESTÁ EM SUA LITERATURA. O HÁBITO DE ESCREVER COMEÇOU NA INFÂNCIA, ESCRIVENDO PEQUENAS HISTÓRIAS. AOS 36 ANOS DIVULGOU SEUS PRIMEIROS CONTOS "PASSEIOS NOTURNOS" NO WATTPAD (APP PARA LIVROS DE ESCRITORES DESCONHECIDOS).

A estrada estava vazia e a noite estrelada, em silêncio e admirando o cenário ele dirigia numa estrada secundária, os sítios e casinhas na beira da estrada com suas luzes fraquinhas e cachorros latindo em suas porteiras, as árvores balançavam de leve com o vento quente da noite, alguns pássaros noturnos pousavam levemente no meio do asfalto esburacado, ele dirigia devagar, normal, pois não havia nenhum carro na estrada.

A luz chegou de mansinho, mas logo se aproxima apenas um farou, uma moto vinha não tão rápido e em zig zag, o motorista parecia estar bêbedo e veio sem baixar a luz, jogando o clarão do farou branco e brilhante em seus retrovisores, não ultrapassava, ficava apenas em zig zag atrás do Uno Fiat verde escuro e, irritado o motorista grita: — Passa! — o motoqueiro parece ouvi-lo ziguezagueia atrás do Uno Fiat, pega a esquerda e deita a moto de lado, de leve, batendo-a na lateral do carro, amassando a porta do motorista e quebrando o retrovisor.

O motorista pira, berra, xinga — seu filho da..., miserável, bêbedo — esbraveja sozinho no carro, o motoqueiro passa a sua frente, olha e sem o capacete dá um sorrisinho sínico, o motorista pira outra vez, acelera o carro e como um monstro corre atrás do motoqueiro que se põe a acelerar parecendo até que sua bebedeira havia passado, não ziguezagueiava mais.

O motorista furioso acelera cada vez mais para alcançar o motoqueiro, sua fúria o cega, tudo que ele vê agora é vermelho, o carro sendo a extensão do seu corpo, corre como um dragão com seus dentes afiados e soltando fogo pelas ventas, o motoqueiro acelera.

A fúria do motorista se torna mais intensa, tão intensa que transparece em seu físico, os olhos vidrados e as mãos firmes no volante, os pés pesados no acelerador, sua testa enrugada, seus dentes serrados de ódio, agora já quase encostava na traseira da moto, em velocidade ele bate na pequena motocileta cinza que cai violentamente e o motoqueiro voa, depois rola pelo asfalto.

O motorista para o carro, assustado não se mexe, observa o motoqueiro no asfalto, estatelado, está escuro e ele não consegue ver direto e não tem como saber se está vivo ou morto.

O ódio do motorista passa e sua consciência volta, observa a cena e sabe o que fazer: chamar a polícia, a ambulância, sair do carro e ver se ele está vivo, mas não se mexe, sua mente confabula pensamentos óbvios, mas seu corpo não sai do lugar.

Ainda no carro ele pensa como chegou até aquele momento, como seu ódio cego o fez fazer o que fez: — O matei. — Com uma das mãos na testa, cabeça baixa, abre a porta do seu veículo devagar, sai dele e anda em direção ao acidentado, os faróis de seu carro é a única luz da noite além das estrelas.

Ele caminha em direção ao motoqueiro e reza baixinho: — Não esteja morto... não esteja morto... foi um acidente... um... acide.... — Em choque olha para o motoqueiro, o sangue derramado no asfalto, os olhos entreabertos e a cabeça de lado, estava de bruços, um dos braços virado sobre as costas e o outro embaixo de seu corpo. Uma das pernas estava claramente quebrada e torta para o lado, a carne e o sangue estavam expostos. Estava morto.

O motorista se desespera, grita desesperado e com as mãos no rosto, depois para e pensa, olha para os lados, árvores, animais noturnos e sem casas, ninguém a vista, ele agacha e olha o morto por algum tempo, depois levanta — Tem um cobertor no carro — pensa em voz alta. — Não... vou chamar a polícia... — diz a si mesmo, caminha até o carro e entra no lugar do motorista, pega o celular digita os primeiros números e para — Será? — se pergunta. — Como vou explicar o que aconteceu? — se pergunta outra vez, sua mente vagueia em uma desculpa, mas não a encontra.

De repente lhe vem um pensamento: — E se alguém aparecer? Seria desastroso... — ele sai do carro rapidamente e com a chave na mão abre o porta-malas, pega o cobertor, corta febre marrom que sempre mantinha no carro e vai até o morto, estende o cobertor e rola o corpo do motoqueiro para cima do corta febre e o embala amarrando as pontas, arrasta o corpo até o porta malas e o coloca e fecha olhando para suas pernas para fora do corta febre, ele volta para o acento do motorista, fecha a porta, liga o carro e dirige.

Quieto e em silêncio ele divaga em seus pensamentos olhando fixo para a estrada iluminada pelos seus faróis e de repente se lembra: — A moto! — grita alto, ele para e esfrega a mão no rosto — *Tenho que voltar ...* — pensa — *Se alguém....* — Faz uma meia lua na estrada e volta para o local do acontecido onde está a moto.

Já no local, sai do carro e caminha até a moto, o tanque de gasolina tinha um pequeno rasgo, a motocicleta era pequena e simples. Pegou nos guidões e a levantou para controla-la e mantê-la de pé, mas era pesada, então lembrou de colocá-la no ponto morto e assim o fez, arrastou a moto amassada até o meio fio da estrada com dificuldade, havia um campo de mato alto na beira da estrada, estava quase no meio fio da estrada quando viu duas luzes brilhantes e brancas ao longe e chegando cada vez mais perto notou que era um carro com seus faróis altos, correu para a porta do motorista e se encostou nela.

O carro veio da mesma direção de que ele veio. *A estrada estava escura e talvez ele não perceba a moto no meio fio* — pensou suando frio quando o homem do carro parou ao seu lado e lhe perguntou: — Está tudo bem, amigo? — sorriu sem mostrar os dentes e balançou a cabeça que sim e depois disse — Sim, parei para tirar água do joelho — o homem do carro sorriu de volta e partiu em direção a escuridão da estrada.

Suspirou aliviado, e torcendo em seu pensamento para que o homem não tenha visto a moto e que não esteja indo à polícia, ou pior, que não tenha visto o sangue do motoqueiro no asfalto. Passou os dedos em seus cabelos pretos e suados colocando-os para trás, voltou para a moto e a levantou novamente, olhou para o campo coberto de mato alto e pensou onde iria deixá-la o mais longe possível da estrada.

Com dificuldade ele arrasta a moto para dentro do mato, chegando numa distância de uns 30 ou 40 metros da estrada, então a joga no meio do mato e a esconde completamente. Ele fica satisfeito e volta para o carro, liga o motor e dirige.

Enquanto dirige tenta decidir o que fazer com o corpo do motoqueiro: — *Vou enterrar* — pensa rapidamente e essa ideia parecia a mais coerente, ia enterra-lo e ninguém o acharia. Pensou melhor quando lembrou que não tinha no carro nenhuma ferramenta para fazer o buraco, afinal quando saiu de casa para passar o fim de semana na casa de seu amigo que tinha um sítiozinho naquelas bandas, onde ele ia de vez em quando para pescar e descansar da agitação do trabalho e da cidade, não pensou que iria enterrar alguém.

Desistiu dessa ideia, depois dessa lembrança, pensou em joga-lo em uma vala qualquer ou em um barranco, mas, seria fácil do corpo ser encontrado, então desistiu dessa ideia também, aí lhe veio uma ideia que depois pareceu-lhe genial: iria joga-lo no rio,

assim a água o levaria e também qualquer outra prova que ficara no corpo — Sim, o rio! — disse animado.

Acelerou um pouco com entusiasmo e ouviu o corpo do motoqueiro batendo no porta-malas, sentiu-se estranho, ao mesmo tempo lembrou que iria passar por um rio a caminho da casa do amigo, numa ponte onde o rio cortava a estrada.

Não demorou muito para chegar até a ponte de cimento e ferro aonde passava o rio, atravessou e do outro lado parou no meio fio onde tinha uma trilha bem marcada que descia para o rio. Ele conhecia bem essa trilha, já tinha vindo muitas vezes ali para pescar com o amigo.

Desceu do carro e com a chave na mão abriu o porta-malas e lá estava o morto retorcido por causa dos solavancos do carro, a cabeça estava descoberta e o corpo estava de lado, a noite já estava avançada e a lua mais clara, assim pôde ver o rosto do motoqueiro pela primeira vez; era jovem, um rapaz de uns vinte e poucos anos, cabelos pretos e magro, não era alto, os olhos castanhos já estavam esbranquiçados, enfim, curvou-se para pegar o corpo e o colocou no asfalto e arrastou para dentro da trilha que dava para o rio.

No meio da trilha olhou para o alto onde tinha uma casa simples. Todas as luzes estavam apagadas, então entendeu que todos ainda dormiam, a dor nas costas o estava matando, suas mãos e braços também doíam, chegou à beira do rio que estava calmo e raso. O som da água preenchia o lugar e seus pensamentos nesse momento estavam voltados a descartar o corpo.

Jogou o corpo do motoqueiro no rio.

Mas o corpo do morto se enganchou nas pedras não o deixando nem afundar nem ir com a correnteza do rio, pânico foi o que ele sentiu, então correu para dentro do rio para tentar desenganchar o corpo, puxou o com força, mas o não desenganchava, continuou a puxar até que caiu na água gelada do rio, começou a gritar e bater com os punhos fechados.

Calou-se e lembrou da casa acima do rio.

Olhou para o céu e viu que as estrelas estavam sumindo, assim como a lua. A noite estava mais clara, estava amanhecendo e o corpo do motoqueiro ainda estava enganchado nas pedras.

Pensou em simplesmente deixar o corpo ali e ir embora, ficou de pé e andou até a margem do rio. Sentou-se admirando o cadáver boiando e pensou que tinha algumas opções, sentar e esperar que alguém o visse ao lado do corpo e chamasse a polícia ou aproveitar o que restara da noite e levar o corpo de volta para o porta-malas. — Opção número dois — disse em voz alta, levantou-se pronto para agir, puxou o corpo tentando colocá-lo no ombro. O cobertor já tinha ido com a pequena correnteza do rio, estava ficando sem tempo e as primeiras luzes da manhã já estavam nascendo e logo começaria a passar os ônibus escolares dos alunos que residiam alí próximo.

Com o morto no ombro subiu a trilha até o carro e ainda em tempo o colocou no porta-malas, entrou no carro e pegou o telefone na tentativa de fazer uma ligação para o amigo, mas desistiu, pois não saberia o que dizer, o cansaço da noite tensa lhe pegara. Sentado no banco do motorista, ele pensava outra vez em como se livrar daquele corpo, então decidiu ir para a casa do amigo, ligou o carro e dirigiu.

Quando já estava próximo percebeu que seria burrice. Parou o carro na entrada do sítio do amigo, resolveu descer e foi a pé até a casa, não era longe, menos de um quilômetro de distância. Chegou e viu a casa fechada, pensou que talvez eles estivessem dormindo, então teve uma ideia: sabia onde ficava as ferramentas do amigo e as pegou: — *Vou enterrar de vez esse corpo* — pensou, voltou a estrada de chão que levava de volta ao seu carro.

Chegou no carro animado, primeiro deu uma ré e voltou para o asfalto observando o lugar, apesar de já ser de manhã não havia ninguém naquela estrada, só tinha que achar o lugar certo para enterrá-lo.

Depois de pensar um pouco, voltou à beira do mesmo rio, que jogara o corpo sem sucesso, a mata ao lado do rio era densa e poderia enterra-lo ali.

Desceu a trilha do rio carregando o motoqueiro, no meio da trilha deu uma parada, olhou para a casa acima, não viu nenhum movimento, olhou para a mata fechada e a adentrou entre árvores e lama, caminhou por algum tempo até achar uma árvore caída,

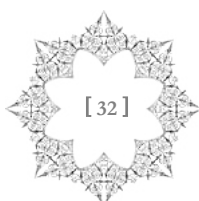
suas raízes faziam um abrigo, a terra parecia fofa nesse lugar, deixou o defunto de lado e começou a cavar, cavou o suficiente para pôr o corpo, colocou-o no buraco e jogou a terra por cima até ele sumir debaixo da terra.

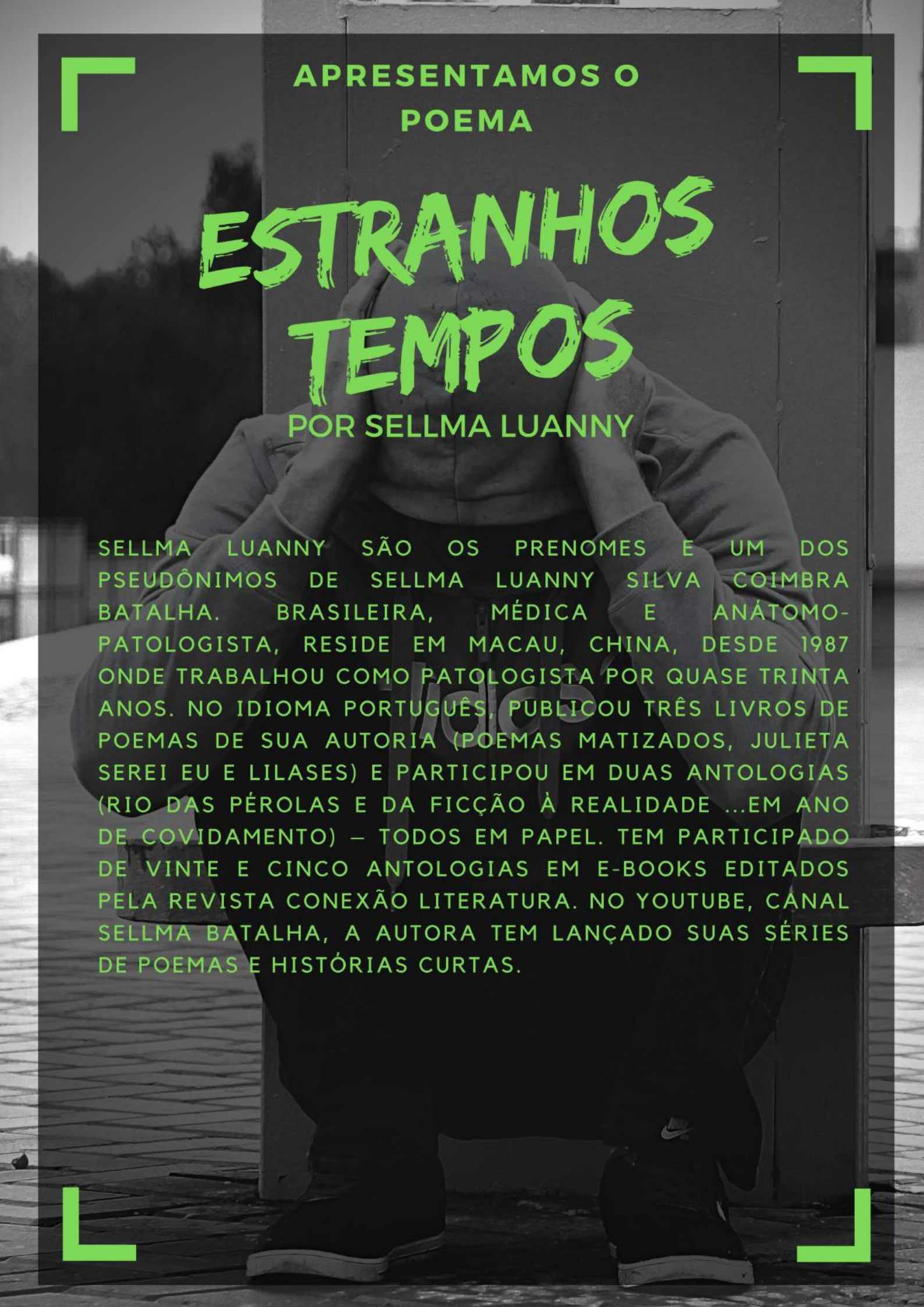
Estava feliz, assoviando, o problema tinha sido resolvido.

Chegando no carro, entrou, sentou em seu assento e resolveu ir para a casa do amigo.

Chegando lá, viu que o amigo estava em uma grande agitação e veio recebê-lo ainda na estrada, um pouco antes de chegar na casa. — Olá — disse o amigo. — Olá... estava saindo? — perguntou o motorista. — Sim — respondeu. — Meu filho mais velho, saiu ontem a noite de moto e não voltou ainda, sei que ele gosta de beber, deve estar caído em algum bar na cidade, irei atrás dele, mas logo estarei de volta. Fique à vontade.

O motorista ainda sentado em seu carro apenas se calou, engolindo a seco.





APRESENTAMOS O
POEMA

ESTRANHOS TEMPOS

POR SELLMA LUANNY

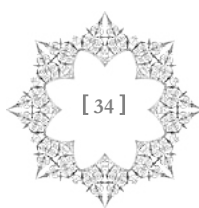
SELLMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DE SELLMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA. BRASILEIRA, MÉDICA E ANATOMOPATOLOGISTA, RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. NO IDIOMA PORTUGUÊS, PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS (RIO DAS PÉROLAS E DA FICÇÃO À REALIDADE ...EM ANO DE COVIDAMENTO) – TODOS EM PAPEL. TEM PARTICIPADO DE VINTE E CINCO ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, A AUTORA TEM LANÇADO SUAS SÉRIES DE POEMAS E HISTÓRIAS CURTAS.

Se a constância de outros tempos
não mais existe,
foi-se a regularidade das estações,
foi-se a certeza de chuvas e neves.
O sol não mais esquentar... queima.
Não mais brilha igual, a lua.
O céu tem outra química.

Já não se respira facilmente...
O ar é impuro.
Já não se descansa do dia...
A noite é fatigante.
Já não se colhe para comer...
E é aterrorizante,
o medo da fome!

Já não dói a ferida...
está anestesiada.
Já não perfuma, a flor...
Cheiro puro e bom, corrompido.
Já não se ama para bem viver...
Vive-se apenas... estranhamente!

Em meio a eivado céu, nada é claro.
Amigos já não se beijam...
não dão as mãos, nem se abraçam...
Chegou o medo de tatos... e laços.
Tudo é vazio, tudo é instável...
Não mais se sabe
o que esperar da aurora.



APRESENTAMOS O
POEMA

PERIGO!

POR SELLMA LUANNY

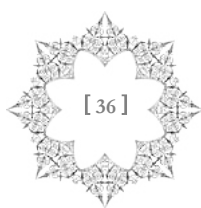
SELLMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DE SELLMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA. BRASILEIRA, MÉDICA E ANÁTOMO-PATOLOGISTA, RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. NO IDIOMA PORTUGUÊS, PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS (RIO DAS PÉROLAS E DA FICÇÃO À REALIDADE ...EM ANO DE COVIDAMENTO) – TODOS EM PAPEL. TEM PARTICIPADO DE VINTE E CINCO ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, A AUTORA TEM LANÇADO SUAS SÉRIES DE POEMAS E HISTÓRIAS CURTAS.

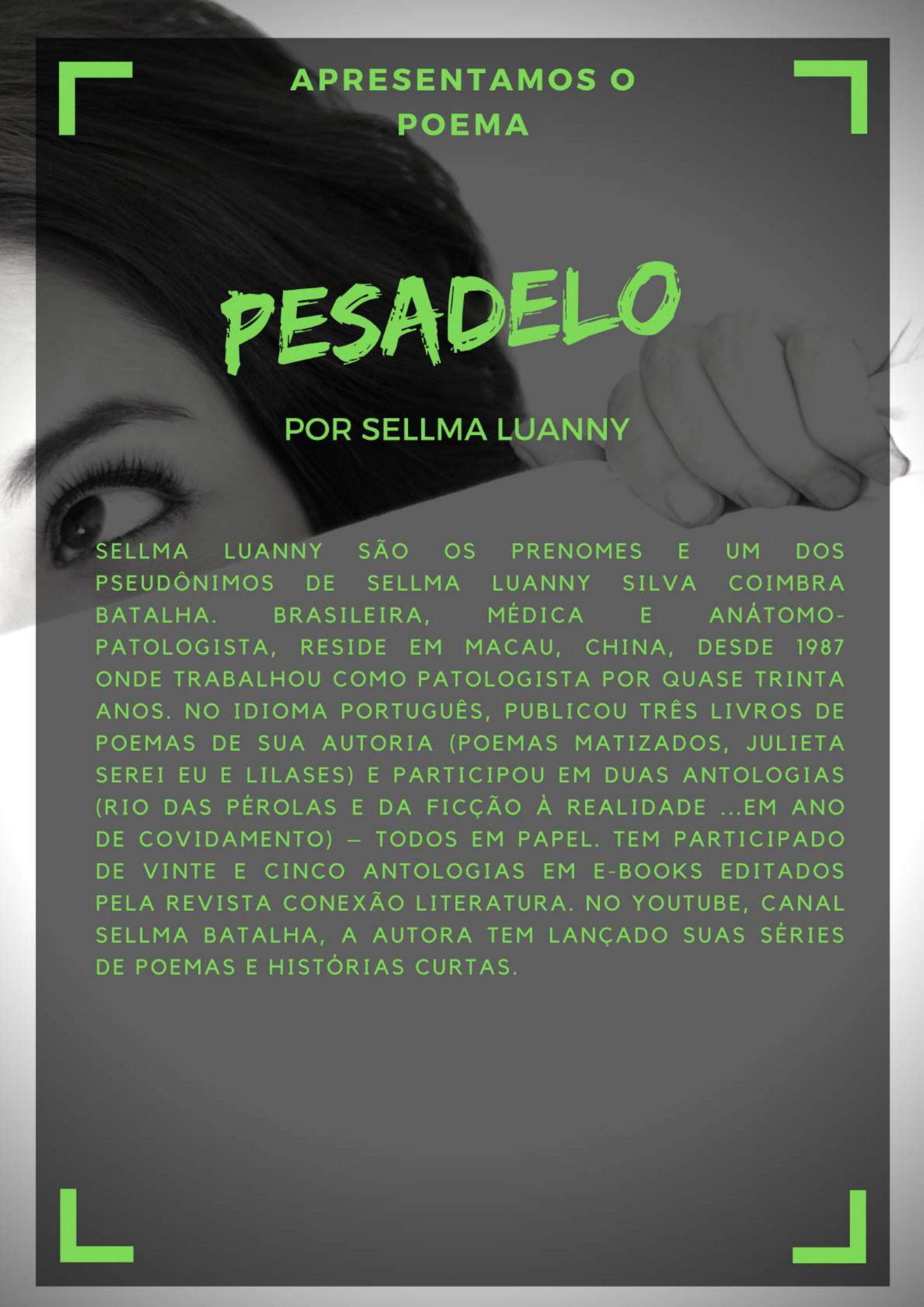
Apareceu e já rodou o mundo...
Mas não foi só.
Usou da humana companhia
que inocente,
no início nada sabia.
Sem querer,
foram-lhe providos
guarita e transporte.
E voltou... mais forte.

Agora, dele somam-se
conhecimentos...
que ele está por aqui
e a todos rodeia...
E dele tem-se medo...
inocente ou egoísta.
Desafiador!...

Talvez pelo medo...
ou ignorância...
nos reles líderes
e na pseudociência,
a cega credulidade de tantos.

E cegos e inconsequentes...
não param... não se isolam,
vítimas e transmissores...
quantos!
Levam-no mundo afora...
sem qualquer culpa...
até que, pela morte,
sejam (re)assombrados
os vivos.





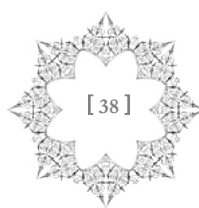
APRESENTAMOS O
POEMA

PESADELO

POR SELLMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DE SELLMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA. BRASILEIRA, MÉDICA E ANÁTOMO-PATOLOGISTA, RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. NO IDIOMA PORTUGUÊS, PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS (RIO DAS PÉROLAS E DA FICÇÃO À REALIDADE ...EM ANO DE COVIDAMENTO) – TODOS EM PAPEL. TEM PARTICIPADO DE VINTE E CINCO ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, A AUTORA TEM LANÇADO SUAS SÉRIES DE POEMAS E HISTÓRIAS CURTAS.

O dia arrastado pela noite.
Noite estranha longa
interminável parece.
Com sonhos ruins e
murmúrios perturbadores.
A não se ter poder para sondar
a realidade do que era.
Culpado um estranho...
meio ser... meio coisa... ou só energia?
que não entendemos
aquém dos desacordados
quando sem piedade
nos verga e consome...
até que nos salvem
o acordar e um novo dia.



APRESENTAMOS O
CONTO

SE PUDEIR, NÃO LEIA

POR VALÉRIO MARONNI

@VALERIOMARONNI É AUTOR DO LIVRO "O MENINO CONTADOR" (2022, PRODUÇÃO INDEPENDENTE) DISPONÍVEL NA AMAZON E CRIADOR DO BLOG "JULIANAVRSEMPOLUICAO". ELE É NATURAL DE MURIAÉ-MG, TEM 61 ANOS, É ENGENHEIRO E PROFESSOR. GOSTA DE LITERATURA, CICLISMO, FERROMODELISMO E ANTIGUIDADES.

Recém amiga próxima da sobrenatural das artes Juliana, ronda os arredores de seu pensamento.

Desprezada até transcorridos vinte anos, habita toda a reta da imensidão escura, do negativo infinito ao mais infinito; por descuido, sobre o retilíneo destino, um pequeno ponto claro a interrompe por instantes para deixar a vitalidade matá-la. Como se imperasse por toda a existência, vista de um observador do Alto, apenas abreviada por um lampejar (entre parênteses) de vida, a insistente subsistência. Se assim é o estabelecido pelos papiros crucificados na cabeceira interna dos túmulos, ela está presente mesmo antes do nascimento, seu exterminador provisório.

Na literatura ela chega com a queda do livro ao chão, esparramando cacos das sílabas com as faces viradas, verso para cima, versos estilhaçados, retorno impossível. Os cuidados para compor, desde a letra capitular até as letras terminais com as iniciais do autor, jogados na cova da academia sem letras. Prêmios Mobex se salvam ao paraíso com a ajuda de ressuscitações que trazem de volta o respiro, o suspiro dos leitores mortos de sono que ainda equilibram entre os dedos o peso do livro enterrado no tablet.

Ao cerrar das cortinas na matinê, o galã recebe a marca do crucifixo em seu perispírito moldado pelo corpo moldado pela catacumba, impondo-lhe um RIP (repasse instantaneamente o passado), nos segundos finais do round final da luta final no final do ponto final. Na cena cinematográfica, o horror disputa com o terrível, uma indicação ao Mósca — estatueta polida onde não pulsa a divindade.

A guache discretamente falece sobre a textura da tela, deixando-se secar ao tecido sem ossos sem nenhuma preocupação com o ofício. A tela não autoriza a eutanásia, pressionada pela moldura, do pote vazio do verniz de acabamento, já que pode haver ainda um sopro do finado pintor.

Morhé, o impressionista, faz-lhe um plágio!

Arquitetura, dança, escultura e música, desfundadas, não lhes foi abreviada a extrema-unção, tolhidas de uma confissão no último leito, impedindo-as de uma nova chance.

A dança leva um ponto a mais, rituais lhe dão mais crédito. A música, dois, anima velórios de broa com cachaça que perturba a transição do embalsamado.

Arquitetura e escultura, com seus princípios vitais enrijecidos, dificultam o enterro de suas criações permitindo à arqueologia desenterrar cadáveres petrificados. Dentro do sarcófago, um milênio de obituários. Sepulcros aniversariam dando pêsames ao parabéns.

Na primeira fila do teatro com bilheteria esgotada, dois lugares reservados, vagos... inesperada!

A fotografia digital dizimou os velados negativos?

Da tomada aérea pelo recém-espiritualizado, a necrópole é confundida com milhares de histórias em quadrinhos a respeito de coleções de cruzes.

Jogos eletrônicos são arte, e se enquadram no tema, em sua relação com os jogos de tabuleiro.

Chega de aniquilar artes antigas modernas e contemporâneas! ...dessa vez quem ri por último não ri melhor, pois teve a infelicidade de nascer no fim da realidade, quase sem uma biografia, a se perpetuar a causa na certidão de óbito como necrografia. À beira!

Um dia do ano reservado à inutilmente, pois que todos os outros igualmente finam a nem todos, os desbotados na vivência pulam esta etapa com os dois pés em outra encarnação.

O sacrificante desfecho se encontra em evidência quando não é ela que celebra o fim, mas quando jamais se chega ao final, pelo motivo do lar tenebroso estar com lotação estrangulada — transcendência com PIB (produto infernal bruto) de dois dígitos, diriam os orientais.

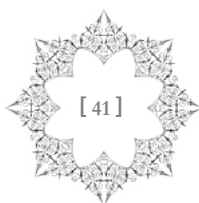
Quanta falta de tato! (não por ter a mão já sem circulação) ...por projetar a estação do metrô ao lado do cemitério. *Transfer de subs!*

Há horas atrás, suga o derradeiro suspiro silábico! Abrevia o nome e os sonhos.

— Me desculpe, não pude ser rasa — deflagrou a imagem plasmática.

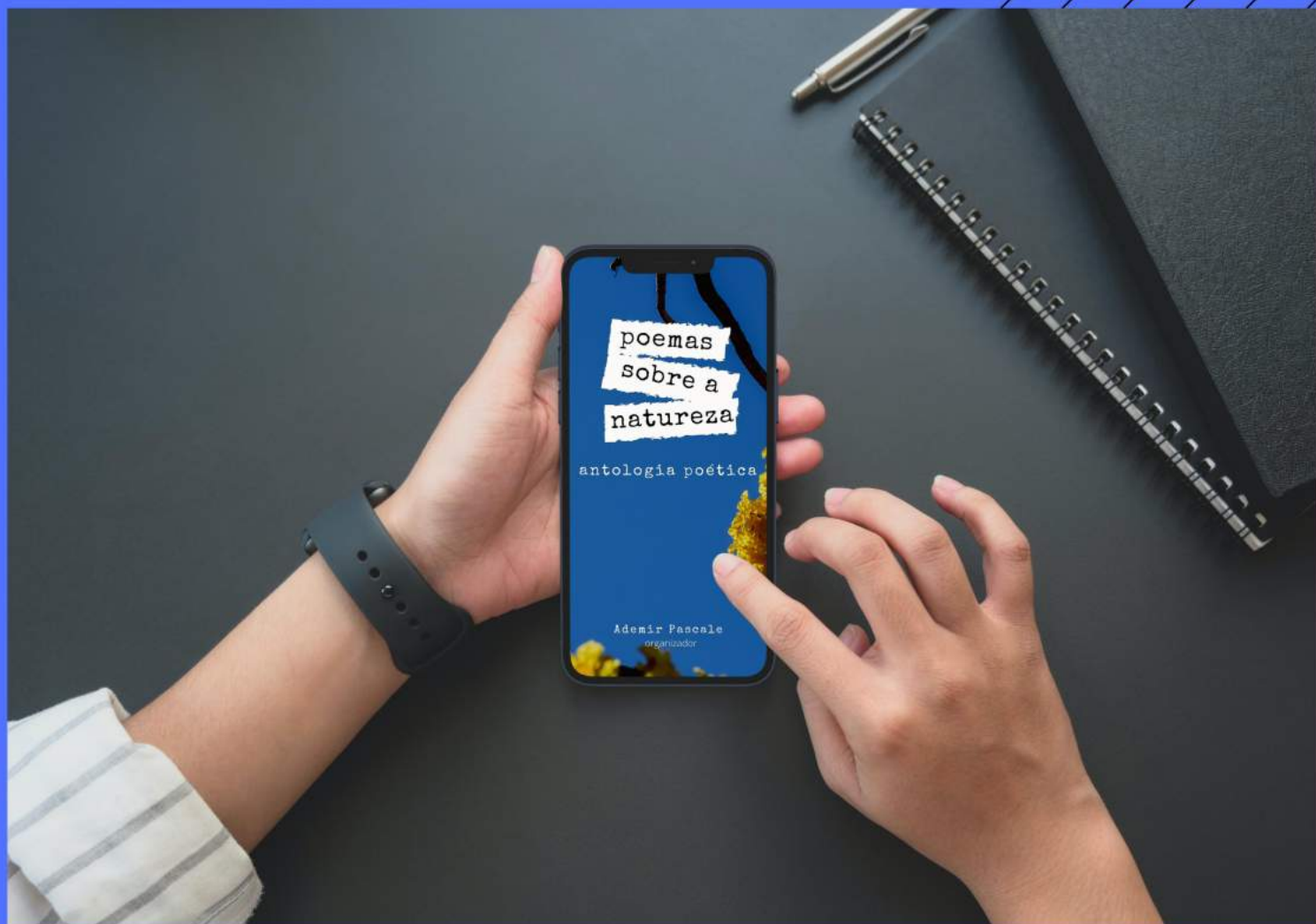
— Que ela a tenha! — sinceramente, a multiartista Julia repousa suas pálpebras.

A morte, pode ser fatal! A continuidade miserável do nada.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**